

peratura muito elevada. Soluvel em 150 partes de agua fria e em 75 de agua ebulliente; 100 partes de alcool ebulliente dissolvem 33; 10 partes de ether sulphurico dissolvem 4; é tambem soluvel no chloroformio, e as soluções acidas e as de potassa, de soda, de ammoniaco apoderam-se de grande quantidade d'ella. É soluvel nos oleos fixos e volateis.

3.º Dá com o oxydo de chumbo uma combinação soluvel decomponivel pelo acido carbonico.

4.º O acido nitrico a transforma em acido oxalico.

5.º O acido sulphurico concentrado decompõe-na, fazendo tomar a côr amarella e carbonisando-o depois.

6.º As dissoluções de acido tartarico e de acido oxalico dão com a picrotoxina crystaes que affectam uma fórma particular (Caventou).

7.º Projectada sobre carvões incandescentes arde sem se fundir, espalhando fumo branco abundante e cheiro resinoso (Thénart).

8.º A solução alcoolica de picrotoxina desvia para a esquerda os raios da luz polarizada (Limpricht).

9.º Reduz as soluções cupro-alcalinas (Wurtz).

10.º Com o bromio dá um producto flocooso, formando pela deseccação um pó muito electrico. É a picrotoxina bibromada.

A estes caracteres, indicados por diferentes chimicos, o Sr. Bonnewyn accrescenta o resultado de experiencias que são proprias.

Assim notou elle que o acido sulphurico monohidratado a 66º produz sobre a picrotoxina um reacção especial. Aquelle acido córa a picrotoxina em amarello de ambar depois de um contacto de quatro a cinco minutos; a colorisação torna-se mais carregada paulatinamente e chega ao amarello de assafrão. Para obter o resultado referido, basta lançar 10 a 12 gottas de acido sobre 2 a 3 centigrammas de picrotoxina posta sobre um vidro de relógio. Affirma o eminente pharmaceutico que não encontrou alcaloide algum nem glucoside, que desse esta reacção e colorisação analogá.

O Sr. Bonnewyn faz depois importantes considerações sobre o modo de obter a picrotoxina segundo os diferentes processos.

Pelo que fica dito se vê que o Sr. Bon-

newyn prestou relevante serviço á sciencia e á saude publica.

*Discours sur les falsification de la bière par la picrotoxine*, par H. Bonnewyn, pharmacien a Ixelles, etc., etc. Bruxelles, 1871.

N'esta brochura agita o autor a questão: se bastam as experiencias physiologicas para esclarecer os magistrados encarregados de applicar as leis sobre dado corpo venenoso, ou se é necessario indicar qual é o principio venenoso, a substancia que communica áquelle as qualidades deleterias, nocivas. O Sr. Bonnewyn é de parecer que affirmar que existe na cerveja ou em outra qualquer bebida uma substancia toxica, sem a caracterisar pelas reacções chimicas, não basta para dar aos magistrados a prova completa da presença do veneno no liquido incriminado; é preciso que a experiencia physiologica seja seguida da demonstração da presença do toxico pelas reacções chimicas que o caracterisam, que mostram a natureza da substancia deleteria. Este conhecimento é necessario tambem para o medico pratico, para que este, nos casos de envenenamento, possa debellar ou attenuar os funestos effeitos por meio de contravenenos. (Extr.)

## VARIÉDADE.

### CHRONICA.

*O sangue na chyluria.*—O *Medical Times* extrahê de um trabalho recente do professor Hoppe-Seyler alguns factos interessantes a respeito do sangue na *chyluria*, urinas *leitosas*, ou *hematuria* dos paizes intertropicaes. Este professor teve recentemente occasião de obter e analysar, simultaneamente, especimens do sangue e da urina de uma doente do professor Niemeyer, accrescentando assim os nossos escassos conhecimentos sobre a pathologia d'esta obscura molestia.

A ourina era de apparencia branca leitosa, e continha 7,2 partes por 1,000 de gordura. O sangue dava 41,2 por cento de soro, de cor amarellada, um pouco turva, porém não leitosa. De facto, havia perfeita coagulação do sangue, e o soro não era da mesma natureza gordurosa que a ourina. Os resultados analyticos demonstram menor proporção de albuminoides do que a ordinaria. Isto pensa o Sr. Hopper-Seyler, pode ser devida a perdas pela ourina, á diluição com

a lymphá em consequencia do modo por que foi extrahido o sangue (por ventosas), ou a ambas estas causas. O soro continha elevada porcentagem de gordura, entretanto que os corpusculos do sangue não pareciam conter gordura em maior proporção do que os corpusculos normaes: tão pouco não eram diminuidos os corpusculos vermelhos, nem a materia colorante do sangue (hemoglobina.)

Visto que o sangue continha 1,7 por 1000 de gordura, o soro 35,9 por 1000, e a urina 7,2 por 1000, Hoppe-Seyler julga evidente não ser a transudação a unica origem da urina, mas que uma certa quantidade da materia transudada, isempta, ou mais pobre de gordura, retrocede para a lymphá ou para os vasos sanguineos.

O citado jornal accrescenta uma terceira hypothese, porém menos provavel, e é a de ser formada nos rins a gordura.

Esta molestia, como sabem os nossos leitores brasileiros, é bastante commum entre nós, e foi objecto de especial estudo do nosso distincto collega e amigo o Dr. Wucherer, que, como é notorio, descobriu um nematoide na urina de todos os hematuricos que observou, o que tende a fazer suspeitar a natureza verminosa da chyluria.

O conhecimento d'este facto importantissimo, não é ainda muito vulgar na Europa, não obstante ter sido este verme examinado, sobre amostras idas da Bahia, pelos eminentes helminthologistas, Spencer Cobbold em Inglaterra, e Leuckart na Alemanha.

As investigações por este lado parecem-nos ainda mais interessantes praticamente do que as do professor Hoppe-Seyler, pois que tendem a esclarecer a pathogenia d'esta curiosissima doença. Só a autopsia poderá entretanto esclarecer este mysterio; mas como a molestia rarissimas vezes é fatal, tarde se offerecerá a oportunidade de decidir esta momentosa questão de pathologia intertropical.

Entretanto julgamos dever dar conta dos estudos do professor Hoppe-Seyler, e chamar a attenção dos praticos brasileiros para um assumpto que tanto nos interessa.

*Aneurisma da subclavia tratado por injeções de ergotina.* Nos *archivos* de Langenbeck (Fasc. XIII, n. 3) refere o Dr. Dutoil, de Berne, um caso de aneurisma falso cir-

cumscripto da arteria subclavia, que foi por elle tratado vantajosamente pelas injeções subcutaneas de ergotina.

Este aneurisma era de origem traumatica. O doente era um homem de 40 annos. Quando foi observado em 1869, tinha um tumor átraz da clavícula esquerda do tamanho de um ovo de abestruz, e com todos os signaes de aneurisma. A injeção foi feita sobre o tumor de dous em dous dias, e ultimamente de três em tres, e constava de uma solução contendo 1 oitava de ergotina dissolvida em 3 oitavas de alcool, e 3 de glicerina, sendo a quantidade gradualmente augmentada de um terço de grão á tres grãos. Foram feitas 15 injeções desde 25 de outubro ao 1º de dezembro. Depois da quarta injeção notou-se visivel diminuição do tumor, a qual continuou sempre desde então. As injeções occasionavam dores por duas horas. Não houve suppuração, mas houve endurecimento da pelle e do tecido cellular sub-cutaneo, que provavelmente comprimia o aneurisma.

Foi feita sobre a fossa supraclavicular a compressão digital por tres horas da manhã e por outras tantas a tarde por seis dias, o que teve por effeito o total desapparecimento de tumor. Muito depois, e por precaução, forão feitas dez injeções de 3 grãos de ergotina cada uma, e em longos intervallos, e applicada uma compressa e atadura na região occupada pelo aneurisma.

Este methodo curativo dos aneurismas já foi iniciado na Bahia pelo Sr. Dr. Pires Caldas ha cerca de dous annos, logo que aqui foram conhecidos os dous primeiros casos de Langenbeck. Era um aneurisma da pediosa, e foi tratado pelas injeções de ergotina, seguindo-se a cura completa. Este caso é muito instructivo, e posto que o nosso illustrado collega tenha manifestado algumas duvidas sobre a parte que teve a ergotina em tão feliz resultado, aguardamos com interesse a publicação por extenso da sua importante observação para julgarmos da confiança que nos deve merecer este novo recurso operatorio na cura dos aneurismas.

*Açúcar no figado.*—O Dr. Dalton, em resultado de numerosas experiencias consignadas em uma memoria sobre este assumpto, lida na Academia de Medicina de New-York, chegou ás conclusões seguintes:

1º Existe açúcar no figado desde o mais

remoto periodo da vida em que é possível examinar o organo depois de separado do corpo do animal vivo.

2º A quantidade media que existe no fígado n'esta época, é, pelo menos 2 1/2 partes por 1000.

3º O assucar hepatico assim achado não pertence ao sangue arterial fornecido ao organo, mas é um componente normal do tecido d'esta viscera.

*Bromohydrato de quinina e cinchonina.*—O Sr. Latour, em uma communicacão apresentada á Academia de Medicina de Paris, em sessão de 17 de Outubro ultimo, chama a attenção dos medicos para estes preparados pharmaceuticos. O bromohydrato neutro de quinina é preparado pela dissoluçáo do bromureto de potassio em uma soluçáo ligeiramente acidula de sulphato de quinina; e o bromohydrato basico tratando o sulphato neutro de quinina, dissolvido em uma mistura de partes eguaes de agua e alcool, primeiro por uma soluçáo muito fraca de ammonia e depois por uma soluçáo neutra de bromohydrato de quinina. (*British Med. Jour.*)

*O catoral na cholera.*—Na recente epidemia d'esta molestia em Riga empregou o Dr. Von Reichard este medicamento: 1.º para acalmar as caimbras na invasáo; 2.º para diminuir a angustia precordial no ultimo periodo; 3.º para sustar os vomitos; 4.º para promover o somno, que os doentes pediram com instancia.

Este collega conseguiu preencher todas estas indicações. Em um doente que se achava *in extremis*, e que parecia não ter mais de tres horas de vida, 16 grãos de chloral produziram somno: a temperatura elevou-se; o pulso cahiu de 130 a 90 e ganhou força; desapareceu a *facies choleric*a, e o enfermo foi a bem dizer, arrancado as garras da morte. O Dr. Blumental, em tres casos de cholera grave salvou dous doentes. As doses foram 60 grãos em meia onça d'agua, duas a tres vezes em uma hora. Isto vem referido na *Gazette Medicale de Strasbourg* de 11 de Outubro ultimo

*Phosphoro na insomnia.*—Segundo o *Boston Journal*, o Dr. Hammond aconselha que se ferváo 12 grãos d'esta substancia em uma

onça d'oleo d'amendoas doces, filtrando-o depois, em metade d'esta com 1/2 onça de gomma arabica, ajuntando-lhe 15 gottas de algum oleo aromatico. A dose d'esta mistura é de 15 gottas, que contem 1/24 de gráo de phosphoro. Administráo-se tres dozes antes de ir para cama, conseguindo-se geralmente o somno no segundo dia, quando não seja logo no primeiro. A dose pode ser augmentada de uma gotta por dia até chegar á vinte gottas, ou até apparecerem signaes de irritaçáo gastrica.

*A cholera e o cobre.*—Segundo refere o *Medical Times*, durante a epidemia de cholera que reinou em Inglaterra, a cidade de Birmingham soffreu menos, ou nada em comparacáo das outras grandes cidades. A causa d'esta immuidade foi interpretada por diversos modos. Uma das opinões mais correntes era que o fato provinha da grande extensáo do fabrico de artigos de cobre tanto na cidade como nas suas immediações. Parece que uma recente publicacáo do Dr. Burg tende a fazer crêr que ha algum fundamento por que se tenha por verdadeiro este modo de interpretacáo. O Dr. Bourg examinando diferentes estatisticas de caso de morte por cholera durante a ultima epidemia em 1864 e 1865 achou que de 26:332 artistas que trabalhavam em bronze e cobre, houve apenas 16 mortos, isto é, 6 por 1,000. Em outras estatisticas achou que em 5,650 operarios em cobre, fundidores de bronze, e fabricantes de instrumentos deste metal, nem um só caso fatal de cholera foi registrado. Na sociedade de *Bon Accorral* fundada em Paris em 1819, e composta unicamente de operarios em bronze, nenhum socio foi atacado de cholera desde a sua fundaçáo; e a estes curiosos e interessantes factos accrescentaremos, diz o citado jornal que a cidade de Mio Tinto, protegida como é pelas minas de cobre que a cercam nunca foi visitada pela epidemia, ao passo que tem sido assoladas todas as provincias circunvisinhas.

*A republica das letras.* Diz o *British Med. Journal* que o professor Wirchow publicara ultimamente nos seus *archives*, e reimprimira para a circulaçáo geral, um artigo com o titulo—*Depois da guerra*, no qual procura acalmar os resentimentos que ficaram da

porfiada lucta, e alcançar para a França, no espirito dos seus compatriotas, o devido reconhecimento dos seus muitos e grandes meritos. Parece, entretanto que os seus bons officios não foram bem acceitos por um dos lados, ao menos, e em circumstancias, de mais a mais, em que muito bem se poderia esquecer a nacionalidade. O professor esteve recentemente em Bolonha, representando a sciencia allemã na conferencia internacional de Archeologia, em cuja materia elle é authoridade segundo a versão que corre sob a responsabilidade do *Germania*. Wirchow encontrou alli alguns sabios collegas francezes, com que tinha travado relações em outras assembléas scientificas anteriores. O professor, segundo dizem, na sessão de abertura, dirigiu-se para elles extendendo a mão para os cumprimentar; mas os francezes voltaram-lhe as costas com um terminante—*Jamais!*

*Morrer para não ser macaco.*—Refere o *Medical Times* que um mancebo de Cardiff, chamado Howard, deitou-se a afogar em Carlisle, tendo deixado escripto que, estando provado pela theoria de Darwin que os homens são descendentes dos macacões, elle não queria continuar a viver.

*O chloral na therapeutica dos partos;* pelo Dr. Lambert.—Lê-se no *Brit. med. Journ.* M. E. Lambert, cirurgião na Maternidade de Edinbourg, publicou no *Edinburg medical Journal*, do mez de agosto, onze observações relativas ao emprego do chloral durante o trabalho. M. Lambert chegou as seguintes conclusões:

1.<sup>a</sup> O chloral é um agente de um grande valor para aliviar as dores nas parturientes.

2.<sup>a</sup> Será favoravelmente dado durante e no fim do segundo periodo; produz uma insensibilidade semelhante á do chloroformio.

3.<sup>a</sup> Quando é administrado com successo, tem sobre o chloroformio a vantagem de não ser necessaria a intervenção da vontade da paciente.

4.<sup>a</sup> É conveniente conservar ao chloroformio o lugar que occupa na therapeutica obstetrica, reservár o emprego do chloral para o primeiro periodo do trabalho. Comtudo, se o chloral ou outro qualquer agente com propriedades analogas é administrado com beneficio para alliviar as dores da contracção uterina, o chloroformio não será empregado

senão no ultimo periodo da parturição, ou para facilitar a intervenção manual e instrumental.

5.<sup>a</sup> É demonstrado que o trabalho se pode fazer desde o principio até o fim, sem que a parturiente tenha d'isso consciencia, e isto por causa da influencia unica do chloral.

6.<sup>a</sup> O uso do chloral não contraíndica de modo algum o uso do chloroformio,

7.<sup>a</sup> Emprega-se o chloral em doses fraccionadas de 75 centigrammas de quarto em quarto de hora, até produzir o effeito; as doses posteriores são reguladas segundo o effeito obtido. Certos individuos exigem uma dose até de 3 grammas, e é preferivel então conseguir o effeito anesthesico com 9 grammas no espaço de duas horas, que com 3 grammas só e em pouco tempo.

8.<sup>a</sup> Os effeitos do chloral se prolongam até á expulsão completa do producto da concepção; o repouso que experimenta a mãe depois do trabalho é uma das circumstancias que concorrem energicamente em favor do uso do chloral nos partos.

6.<sup>a</sup> Alguns effeitos de estimulação, que se traduzem por uma excitabilidade geral, têm sido occasionalmente observados durante a administração mesma do chloral, mas têm passado rapidamente e sem consequencias.

10.<sup>a</sup> Não só o chloral não suspende a contracção uterina, mas activa-a neutralizando todas as acções reflexas que tendem a contrariar a incitabilidade dos centros motores.

11.<sup>a</sup> Effectuando-se o trabalho debaixo da influencia do chloral, será provavelmente menos longo que o trabalho natural; as contracções anodinas são mais poderosas do que as que se acompanham com dores.

12.<sup>a</sup> Falta emprender experiencias a fim de determinar se existe o mesmo antagonismo entre o esporão de centeio e o chloral, que entre o chloral e a strychnina.

13.<sup>a</sup> As condições geraes que devem presidir á administração do chloral são as mesmas que regulam o uso do chloroformio, e as regras para isso indicadas por sir James Simpson devem ser rigorosamente admittidas.

Avisamos aos nossos Collegas redactores—dos « *Annaes brasilienses de medicina, da Gazetta Medica de Lisboa, do Correio Medico, do Jornal de Sciencias Medicas de Lisboa, do Ciglo medico, da Gazetta hebdomadaire de Medicine et Chirurgie de Paris, e da Union Medicale* » que não temos recebido os seus periodicos.